

OS CARTÉIS DA ESCOLA INTERCONTINENTAIS E BILÍNGUES

FOLHAS SOLTAS



N ° 3  
OUTUBRO 2023

*Boletim aperiódico dos cartéis da Escola internacionais e bilíngues*

*“Os analistas são sábios de um saber do qual não podem conversar”*  
Transferência de trabalho: cartel, passe

FOLHAS SOLTAS  
N ° 3

OUTUBRO 2023

O CAOÉ, Colégio de Animação e de Orientação da Escola, tem o prazer de lhes apresentar a 3ª edição eletrônica da FOLHAS SOLTAS destinadas à circulação dos trabalhos dos “Cartéis intercontinentais e bilíngues” propostos pelo CAOÉ 2021-2022.

FOLHAS SOLTAS visa constituir um “espaço de ressonância” no seio de nossa Escola a partir das diferentes produções individuais desses cartéis; as Meia-Jornadas dos “cartéis do CAOÉ”, como a de 16 de setembro de 2023, propõem uma outra ocasião de fazer quicar na Escola isso que os cartéis intercontinentais e bilíngues produzem e os textos das intervenções desta última Meia-Jornada serão publicados em FOLHAS SOLTAS número 4.

Esses cartéis e a transferência de trabalho que eles tornam possível, têm efetivamente permitido novos laços entre os membros da EPFCL e nos fez saber sobre a diversidade, particularidades locais, expansão sempre em movimento dos Fóruns das cinco Zonas da IF que se baseiam em um único princípio: a extensão da intensão da psicanálise, seja isso que mantém o próprio “do discurso analítico em ato nos tratamentos”.

Ter a iniciativa, declarar um cartel e se engajar em transmitir isso que essa transferência de trabalho permitiu de produzir: é assim que para cada um, “fazer escola” não é uma palavra vã, pois todos estamos engajados em contribuir para a elaboração de um saber quanto ao princípio lógico e ético disso que “faz” um psicanalista capaz de sustentar a psicanálise.

Todos os Cartéis são da Escola, digamos, desde “O Ato de fundação” e abertos a todos. No entanto, os cartéis da Escola do CAOÉ, intercontinentais e bilíngues convidam precisamente os membros da Escola a realizar isso por estarem engajados a se inscreverem como parte interessada da EPFCL e da instância de seu objeto. Lembramos aqui os termos dos Princípios para uma Escola: se trata para um membro da Escola “de um engajamento específico que não é somente engajamento na psicanálise em intensão, mas, além disso, uma ‘intensão’ sem fronteiras”.

O CAOÉ continuou esta iniciativa dos cartéis e os sustenta com a chamada “Encontre seu cartel!”, a organização das Meia-Jornadas, e as FOLHAS SOLTAS convidam os membros desses cartéis a esporem isso que suas experiências desses cartéis os permitiram produzir e buscamos traduzir nas 5 línguas da IF-EPFCL.

Agradecemos aos autores de terem podido localizar no enquadre da frase proposta, e de terem partilhado uma experiência de saber a partir desta provocação de Lacan.

Assim, se os psicanalistas “são sábios de um saber sobre o qual não podem conversar”, este limite, paradoxalmente, não os impede de pôr em ato no cartel esta impossibilidade, sem garantias disso que pode ser elaborado como ganho epistêmico, e isto na aposta da dimensão da experiência.

Nossa Escola é internacional e fala múltiplas línguas, nossos dispositivos de trocas não seriam possíveis sem a disposição e o enorme trabalho das equipes de tradutores que agradecemos muito

particularmente aqui. As diversas experiências com os tradutores, da IA, nos fazem apreciar ainda mais a disponibilidade deles: OBRIGADA!

O Colégio de Animação e de Orientação da Escola. CAOÉ : Carolina Zaffore, Dominique Fingermann, Ana Laura Prates, Rebeca García, Didier Castanet, Diego Mautino, Daphné Tamarin.

### Obrigada à :

Anne Marie Combres (Fr), Sophie Rolland Manas (Fr), Luciana Guareschi (Br), Rebeca Garcia (Esp), Ana Alonso (Esp), Maria Claudia Formigoni (Br), Alejandro Rostagnotto (Arg), Diego Mautino (It), Laura Milanese (It), Diana Valeria Gammarota (It), Maria Luisa Carfora (It), Pedro Pablo Arevalo (Esp.), Susan Schwartz (Austr), Daniela Avalos ( Engl), Nathaly Ponce ( Panama) , Glaucia Nagem (Br), Viviane Venosa (Br) , Guilherme Mola (Br), Rafael Atuati (Br),  
Miriam Pinho (Br)

### SUMÁRIO

Apresentação p. 2

**Diego Mautino** p. 4

“Os analista são os sábios de um saber do qual não podem conversar”

Transferência de trabalho: cartel, passe

**Sara Rodowicz-Ślusarczyk** p.8

Nada mais do que o saber?

**Rosa Escapa** p.11

*Os analistas são os sábios de um saber sobre o qual não podem conversar”*

**Tatiana Carvalho Assadi** p.14

Poèmes passant : qu’est-ce qui est transmis ?

Poem-a passante: o que se transmite?

**Chantal Degril** p.18

L’esp de *Lalíngua* no passe

&

## Diego Mautino



*Ele trabalha em Roma onde pratica a psicanálise desde 1989. Fez sua análise em Buenos Aires e estudou na Escola Freudiana da Argentina a partir da Scuola Europea di Psicoanalisi del Campo freudiano até 1997. Desde julho de 2000 ele participa, desde o começo, do movimento federativo internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano, do qual é membro da Praxis-FCL na Itália, AME da EPFCL, membro do Colégio Internacional de Garantia [CIG EPFCL 2010-2012]*

*Depois de dez anos de ensino na Universidade La Sapienza de Roma e na Universidade de Cassino, ele renunciou, para se consagrar com alguns colegas, em 2007, da fundação do Collegio di Clinica Psicoanalítica Onlus, Spazio Clinico di Praxis-FCL na Itália. Desde então, com os colegas da EPFCL-França, ele sustenta regularmente apresentações clínicas e o ensino a partir do Centro de Consultation Psychanalytique, onde ele é representante clínico. Ele publicou vários artigos e ensaios; desde 2005 é responsável das Edizioni Praxis del Campo Lacaniano em Roma.*

Cartel: “O analista como produto da análise e seu laço com a Escola (em torno do texto “Nota Italiana” e do Comentario sobre este texto de Colette Soler””. Cartel com Claire Parada, Chico Paiva, Kristèle Nonnet-Pavois, Lia Silveira e Diego Mautino.

### «Os psicanalistas são sábios de um saber sobre o qual eles não podem conversar»<sup>1</sup> Transferência de trabalho: cartel passe

“... apoiava-se no que faltava.”

O título proposto para este terceiro número de *Folhas Avulsas*, evocou em mim um pequeno exemplo que, talvez, poderia ilustrar de algum modo este aforismo de J. Lacan. Um saber sobre o qual não se pode nem sequer conversar, pode parecer, em um primeiro momento, bizarro e até mesmo supérfluo. Isso é assim porque o saber vem sempre associado com a ideia do poder; exceto para a psicanálise. A questão do saber do psicanalista consiste, no entanto, em captarem qual lugar é preciso estar para sustentá-lo.

O fragmento de um sonho –citado em exergo–, cortado pela interrupção de uma sessão, marcou naquele momento a cifra de um entusiasmo confirmado só depois, ao longo dos anos. Este afeto/efeito, a seguir, começou a reverberar depois de escutar<sup>2</sup> uma expressão tão límpida e fundamental quanto fugaz, ao ponto de não ser mais possível lembrar daquela frase... ainda. Um

<sup>1</sup> Cf. J. Lacan, «Os psicanalistas são sábios de um saber que não podem conversar.» Em «Da psicanálise em suas relações com a realidade» [1967], *Outros Escritos*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro 2003 p. 358.

<sup>2</sup> Durante o 2<sup>o</sup> Encontro Internacional do Campo Freudiano, Paris, em fevereiro 1982.

saber sobre o qual não se pode nem mesmo se entreter ou conversar<sup>3</sup>, assim se apresentava o que a frase em exergo, recolhendo dois elementos de uma borda por meio da qual o analisante pode então circunscrever o modo em que a transferência havia se enodado com seu analista e, ao mesmo tempo, captar e perder como passou o que não passa. Em uma certa perspectiva, como um saber que, precisamente porque não pode (fazer)<sup>4</sup> nada a respeito, preserva e passa uma falta ativadora. O verbo “passar” transporta consigo a ideia de um deslocamento. Freud escreve *Übertragung*, uma das traduções do termo alemão é transferência, que é, antes de tudo, um deslocamento. Essa primeira formulação freudiana da transferência, que em *A interpretação dos sonhos* é ao mesmo tempo um obstáculo e um recurso, será mais tarde considerada por Lacan como um dos quatro conceitos fundamentais, como a mola do laço analítico.

Lacan propunha, já em 1956, um retorno às curas porque, para saber o que é a transferência, é preciso saber o que se passa na análise. É com esse retorno às curas e ao que elas ensinam que Lacan chega a inaugurar até o passe. “...é somente nos casos mais raros que conseguimos nos deparar com esse término, marcado por Freud como ponto de parada em sua própria experiência. Permitisse o céu que chegássemos ali, mesmo que como um impasse! Isso provaria já ao menos até onde podemos ir, enquanto que aquilo que importa é saber efetivamente se ir até ali nos conduz a um impasse ou se poderemos passar adiante.”<sup>5</sup>

### Da transferência...

A psicanálise produz, via transferência, um desejo novo que emerge na cura. Lacan propôs um nome: “desejo do analista” e uma Escola para sustentá-lo, verificá-lo e interrogá-lo. Em «O que a psicanálise ensina», Colette Soler se interroga sobre a formação do psicanalista, definido como tal por uma aptidão para analisar, ou seja, para o ato analítico, e afirma: «... bem, isso não se forma, se produz, e de uma só maneira, numa análise, em nenhuma outra parte, por uma transformação do sujeito, de um sujeito que, instruído pela sua análise, pode se tornar, por sua vez, apto para transmitir o ato que o produziu. Existem vários termos para designar essa transformação: desejo do analista, desejo advertido, sujeito destituído, etc., com o problema de verificar que isso tenha se produzido.»<sup>6</sup> Lacan assinalou que o ensino também poderia ser feito para servir de barreira ao saber, para obstruir o acesso ao saber inconsciente. Em outras palavras, o ensino poderia nos permitir – mesmo no seio da análise e de suas comunidades –, continuar desconhecendo o inconsciente e o destino que ele nos reserva, como o fazemos fora da análise.

A propósito do que a psicanálise ensina, retorno à frase em exergo: “Apoiava-se no que faltava”. Em um giro sucessivo, graças a uma supervisão, tirou proveito de escutar o efeito de uma homofonia. Diante de um impasse, dizendo em espanhol: “– *El hijo*” [O filho], escuta-se uma (outra)

<sup>3</sup> Cf. J. Lacan, «Da psicanálise em suas relações com a realidade» [1967], em *Outros Escritos*, op. cit., p. 358.

<sup>4</sup> Cf. nota <sup>18</sup>.

<sup>5</sup> « ... ce n'est que dans les cas les plus rares que nous arrivons à buter à ce terme marqué par Freud comme point d'arrêt à sa propre expérience. Plût au ciel, que nous en arrivions là même si c'est en impasse cela prouverait au moins déjà jusqu'où nous pouvons aller, alors que ce dont il s'agit c'est de savoir effectivement si d'aller jusque-là nous mène à une impasse ou si ailleurs on peut passer. » J. Lacan, Seminário XVI, *L'identification* [1961–1962], inédito, Lição do 4 de abril 1962, pp. 335-6. [Em português: J. Lacan, Seminário 9, *A Identificação* [1961-1962], Publicação não comercial exclusiva para os membros do Centro de Estudos Freudianos de Recife. Recife, 2003, p.246-247.]

<sup>6</sup> C. Soler, « *Ce que la psychanalyse enseigne* », Contribution aux journées d'Espace analytique des 14 et 15 mars 2009, *Le Mensuel* n° 44, p. 83. [Tradução nossa]

palavra, idêntica, mas que, apoiando-se em uma letra que falta, produz uma diferença: “–Elijo” [Escolho]<sup>7</sup>. Apoiando-se em uma letra que falta, o “h”, que não tem valor fônico em espanhol [o mesmo que em português] e por isso a chamamos de *muda, muda* algo – no sentido da ação de mudar. Para não esquecer o que a psicanálise ensina, ou seja, o saber não sabido que ultrapassa as possibilidades do sujeito – é assim que entendo “um saber sobre o qual eles não podem conversar”.

«[...] uma formação que seria para valer, ou melhor, a parte da formação que é, esperamos, para valer, só pode ser, eu creio, aquela que perpetua o analisante no analista.»<sup>8</sup> Pensar a psicanálise supõe um desejo homólogo, e talvez por isso que Lacan se dizia um analisante. Na formação, se trataria de partir da própria ignorância. Esta, diante do saber, faz função de desejo de saber e transmite um efeito de desejo, necessário para sustentar a ética do ato. O passe, assim como Lacan falava dele ainda em 1976, chamava a um novo esforço analisante além do fim.

### ...à transferência de trabalho: cartel, passe

«O ensino da psicanálise só pode se transmitir de um sujeito a outro e isso pelas vias de uma transferência de trabalho.»<sup>9</sup> Para sustentar o desejo que, pelo trabalho da transferência, emerge na cura, Lacan fundou a Escola de psicanálise, baseada nos dispositivos do cartel, do passe e do ensino. É com relação ao que distingue uma tal Escola que Lacan põe a questão: «[...] esse saber não é portátil, já que nenhum saber pode ser portado por um só. Daí sua associação com aqueles que só partilham com ele esse saber por não poder trocá-lo. Os psicanalistas são sábios de um saber sobre o qual eles não podem conversar.»<sup>10</sup>

Em relação a uma associação profissional ou a uma instituição universitária, em uma Escola, enquanto distinta de um grupo qualquer<sup>11</sup>, uma formação séria só poderia ser aquela que perpetua o analisante no analista. O que é específico do analisante é que o motor de sua palavra, na qual buscamos o saber inconsciente, o que mais seria senão sua ignorância? É a isto que nos referimos quando falamos de *hystorização*<sup>12</sup> ou de demanda de entrada no início de uma análise. Só a ignorância ativa pode gerar um movimento rumo ao saber sobre o que faz o sintoma. Mas como, a partir dessa posição insustentável, com um saber compartilhado apenas na medida em que não é possível sequer conversar, fazer Escola – e não um grupo qualquer? Seria como pensar a experiência a partir de um impossível de dizer? Com o cartel, a partir da valorização da competência de cada um(a), Lacan visa a uma ruptura da hierarquia, relançando o desejo, que é também uma possibilidade de identificação com o desejo do outro.

---

<sup>7</sup> Cf. «Escolha forçada» que Lacan ilustra com um exemplo para despertar a atenção de cada um: *A bolsa ou a vida!* «Se escolho a bolsa, perco as duas. Se escolho a vida, tenho a vida sem a bolsa, isto é, uma vida decepada.» J. Lacan, O seminário, Livro 11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, [1964], Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro 1988, p. 201.

<sup>8</sup> *Ibidem*.

<sup>9</sup> J. Lacan, «Ata de fundação» [1964], §7. “Da escola como experiência inaugural”, em *Outros escritos*, op. cit., p. 254.

<sup>10</sup> Cf. J. Lacan, «Da psicanálise em suas relações com a realidade» [1967], em *Outros Escritos*, op. cit., p. 358.

<sup>11</sup> Cf. «Haverá uma ordem libidinal possível, com laços possíveis, que não seja a de um grupo qualquer? Todos os grupos funcionam como Freud descreveu, segundo a lógica da massa, regida desde o lugar do semblante por um ideal, um significante mestre elevado ao estatuto de objeto. Nos grupos analíticos, isso é encarnado pelos líderes transferenciais, e isso produz, através do jogo das duplas identificações verticais e horizontais das quais Freud escreveu, o que Lacan chamou de “camarilhas”». Colette Soler, «*De la possibilité d’une École*», Intervention faite lors de la journée débat d’École du 16 juin 2013 à Paris, dans *Mensuel de l’EPFCL-France* n° 81, Octobre 2013, pp. 81-2. [Tradução nossa]

<sup>12</sup> Lacan escreve “*hystoire*”, com o “y” de *hystérie*, a tradução *histoeria* poderia talvez, em português, juntar os dois termos “história” e “histeria”; daqui *hystorização* na qual ressoam *historização* e *histerização*. Cf. «Prefácio à edição inglesa do Seminário 11», em *Outros escritos*, op. cit., p. 567.

Quanto à possibilidade de alguma outra ordem libidinal que se meta um pouco de través daquela de um grupo qualquer, Lacan respondeu, em 1977, tanto como para dizer que isso o incomodava, no início de *L'insu que sait...* Ele respondeu afirmativamente, em relação ao cartel, onde os membros podem estar ligados por outra identificação: uma "identificação participativa com o desejo do outro", sem a maiúscula "outro", é a segunda forma de identificação histórica, segundo Freud<sup>13</sup>. Se trata da histeria analisante, que não é a histeria como estrutura clínica. A prova de que a histeria analisante não se confunde com a histeria clínica é que a histerização do discurso é um passo preliminar, necessário para a entrada no início de uma análise. É a condição para responder à pergunta: como surge um analisante? A partir da diferença entre a demanda de análise e o aviamento do trabalho analisante. Um passo necessário não apenas para passar à elaboração nos casos de histeria, mas também nos de obsessão ou de fobia e, até mesmo, de perversão – e, porém, estes não se tornam histéricos, por isso podemos dizer que se trata de histeria analisante<sup>14</sup>. É a esta histeria que Lacan faz referência quando fala de transferência de trabalho. Por outra parte, «a "identificação participativa com o desejo do outro" é a melhor definição da transferência de trabalho [...]»<sup>15</sup>. Esta histeria analisante deve ainda ser verificada e só existe uma maneira: através do seu produto. A própria análise é um dispositivo onde isso se verifica para cada analisante, onde se revela pela elaboração produzida. E quando dizemos que "há" ou que "houve" análise é porque houve histeria analisante. Do mesmo modo, em uma Escola, deve haver dispositivos para essa verificação. Quais são? Há dois instituídos, o cartel e o passe, e outro menos instituído, o ensino. Desde que definiu o cartel, Lacan incluiu o trabalho produzido e sua avaliação. Por que, senão, teríamos jornadas de carteis, publicações etc.? Quanto ao passe, é mais complicado, e se presta a mais debates. Por exemplo, a questão de saber se o dispositivo é feito mais para avaliar a análise do passante ou a sua capacidade de dizer algo a esse respeito que seja entendido, recebido. Em outras palavras, «se trata de um dispositivo que verifica apenas a performance analítica já produzida, ou a capacidade de histeria analisante mantida fora ou ao lado da análise? Creio que a segunda opção era a de Lacan, em 1976, e fica claro que este ponto engaja a questão das nomeações de AE.»<sup>16</sup>

«Numa certa perspectiva, que não qualificarei de progressista, um saber que não pode fazer nada, o saber da impotência, é esse que o psicanalista poderia veicular.»<sup>17</sup> Um saber sobre o qual não se pode nem sequer falar, pelo menos não colabora para consolidar o saber estabelecido – que visa a obliterar o que o ato falho revela.

A psicanálise ensina, antes, as virtudes de "um saber que nada pode fazer", este, ao menos, respeita o real.

**Revisão: Rafael Atuati e Glaucia Nagem**

---

<sup>13</sup> Segundo Freud, há pelo menos três modos de identificação, a saber: 1) a identificação à qual ele reserva a qualificação de amor, que dá a identificação ao pai; 2) uma segunda identificação feita de *participação* que ele chama de "identificação histórica"; e 3) uma terceira identificação que é aquela que ele fabrica com um traço que Lacan chamou de "traço unário".

<sup>14</sup> Histeria analisante, ou histeria sem sintomas, que se reduz à identificação com a falta no outro, com o objeto a como falta, inscrita no coração do nó. Na transferência de trabalho, é uma falta-a-saber que impulsiona a elaboração.

<sup>15</sup> Colette Soler, « *De la possibilité d'une École* », *op. cit.*, p. 82.

<sup>16</sup> *Ivi*, p. 83.

<sup>17</sup> J. Lacan, «Saber, ignorância, verdade e gozo» [1971], em *Estou falando com as paredes - Conversas na Capela de Sainte-Anne*, Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro 2011, p. 38.



*Sara Rodowicz-Ślusarczyk é psicanalista em Varsóvia, membro fundador do Fórum polonês e membro da Escola. Ela se engajou no Laboratório Internacional da Política e da Psicanálise da IF-EPFCL como representante da Zona Plurilingue (2020-2022), no cartel internacional que trabalhava sobre o 17º seminário de Jacques Lacan "O avesso da psicanálise". O tema do cartel era "As novas tiranias do saber", ela escolheu parafrasear a afirmação de Lacan no seminário, a saber que a burocracia não era "nada mais que o saber", como problema subjacente à seu trabalho, transformando em uma interrogação de seu estatuto na psicanálise.*

*Membros do cartel « a nova tirania do saber » com David Bernard (+1), Cora Aguerre, Vera Pollo, Philippe Madet e Sara Rodowicz-Slusarczyk*

### **Nada mais do que o saber?**

Enquanto pensava neste texto, deparei-me, na internet, com a frase "se um homem sabe mais do que os outros, torna-se solitário". A minha reação crítica foi também uma interpretação da frase: nela reside um gozo de tristeza, mas também um consolo do elitismo segregacionista. Isolamento e a exaltação associada à noção de existência de um saber secreto.

E então pensei na citação que constitui o tema da nossa série de artigos: "os psicanalistas são sábios de um saber que não podem conversar"<sup>18</sup>. Algo se opõe ao elitismo da iniciação. Mas o quê?

Em Madrid, continuando a conceitualizar a sua experiência do passe, Anastasia Tsavidoupoulou falou não de solidão, mas de solitude - falou-nos desta solitude. Um paradoxo. O que parece contraditório, mas não o é. Falou do passe como uma sublimação da solitude. Da minha parte, gostaria de acrescentar: a sublimação consiste em encontrar satisfação na própria mudança do objetivo da pulsão, na produção de um caminho para a sua circulação, um caminho que se torna ele próprio o objetivo. Ela se efetua no tempo presente do desejo, como o dizer que tem o efeito

---

<sup>18</sup> Lacan, J. "Da psicanálise em sua relação com a realidade". In: Outros Escritos. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2003, p. 358.

No original: "les psychanalystes sont les savants d'un savoir qu'ils ne peuvent pas s'entretenir ». In : « De la psychanalyse dans ses rapports avec la réalité », *Autres écrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 359.



de uma escritura. Ela é satisfatória, e a sublimação assim concebida é, como disse Lacan<sup>19</sup>, a única satisfação que a experiência da análise pode prometer.

A afirmação de Lacan sobre o saber dos psicanalistas aparece no artigo "Da psicanálise em sua relação com a realidade". Ele nos lembra: a insatisfação é o estado primordial do psiquismo<sup>20</sup>. A satisfação produz-se primeiro como alucinação - é assim que o sujeito e a sua realidade se constituem. A psicanálise não acusa a necessária ilusão fundadora da realidade psíquica do sujeito. Pois a psicanálise não é uma "assunção (...) de um sentido para além da realidade"<sup>21</sup>.

Dominique Fingermann falou sobre isso em Madrid<sup>22</sup>: A libido cria laços, cria a realidade, e os laços se enodam com as representações antes delas encontrarem um objeto satisfatório. É um apego precário e transitório que retorna constantemente a uma fonte corporal. O homem reclama da ausência de satisfação, não querendo saber que ela é o seu estado original. Mas é o saber sobre esta insatisfação primordial que pode fazer nascer uma nova satisfação, outra - quando se abre progressivamente um espaço, na experiência da análise, entre as representações e a satisfação corporal. Na fragilidade desse laço, seu artifício fundamental, artifício tão forte quanto o corpo, há um uso que o sujeito faz das representações-significantes, e há um uso que os significantes fazem de seu corpo. O saber, por si só, dá lugar a uma outra satisfação.

No Museu do Prado, em Madrid, é proibido tirar fotografias. Isto afeta a forma como as pinturas são vistas e aumenta a alegria de contar aos colegas quais as que não se deve perder. No meio das centenas de telas de Goya, um pequeno quadro chamou-me a atenção. A cena ali encontrada, como se saísse de um sonho, teve inicialmente um efeito semelhante ao de um *witz*, quase me fazendo rir por um momento antes de a compreender. Um momento de transferência. É uma imagem minúscula: sobre um fundo escuro, no meio da noite, um grupo de personagens de boné paira no ar. Ao curvarem-se, envolvem com seus rostos um corpo, inerte e esticado, que também paira no ar. No chão, alguém está deitado na escuridão, de braços e tapando os ouvidos, outro vagueia, escondido debaixo de um lençol, e vemos um burro em um canto. Curiosa sobre a mensagem a decifrar, leio a descrição do "Vôo das feiticeiras": as feiticeiras insuflam no corpo o sopro do saber para o proteger da ignorância, representada pelas personagens amontoadas e pelo burro.

O saber em jogo na psicanálise não é alheio ao corpo. Sempre um corpo particular, com uma combinação inédita de uma viva falta de sentido da *lalíngua* de seu estilo, e de significações pulsionais emaranhadas na sua maneira, de ser. O saber protege da ignorância, mas a pintura de

---

<sup>19</sup> "Sobre o sublime, ainda não extraímos das definições kantianas toda a substância que podemos obter. A conjugação desse termo com o de sublimação não é propriamente um acaso, nem simplesmente homonímico. Voltaremos de maneira frutuosa, da próxima vez, a essa satisfação, a única permitida pela promessa analítica". In: Lacan, J. *Seminário 7, A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, p. 353.

No original: « Sur le sublime, nous n'avons pas encore tiré des définitions kantienne toute la substance que nous pouvons en obtenir. La conjonction de ce terme avec celui de la sublimation n'est probablement pas seulement de hasard, ni simplement homonymique. Nous reviendrons avec fruit la prochaine fois sur cette satisfaction, la seule permise par la promesse analytique. » Lacan, J., *L'Éthique de la psychanalyse, séminaire inédit*, leçon du 22 juin 1960.

<sup>20</sup> Lacan, J. "Da psicanálise em sua relação com a realidade". *Ibid.*, p. 358.

<sup>21</sup> "A alucinação só é tida como resultante dele por uma relação das mais longínquas com suas formas clínicas. Ela existe apenas para expressar que, do psiquismo, é a insatisfação que constitui o componente primordial". In: Lacan, J. "Da psicanálise em sua relação com a realidade". *Ibid.*, p. 354. No original: « L'hallucination n'est tenue pour en résulter que d'un rapport des plus lointains avec ses formes cliniques. Elle n'est là que pour signifier que du psychisme, c'est l'insatisfaction qui est le premier constituant. » Lacan, J., « De la psychanalyse dans ses rapports avec la réalité », *Op. Cit.* p. 355.

<sup>22</sup> Fingermann, D. *Le lien malgré tout*, intervenção, III Convenção Europeia da IF-EPFCL à Madrid, 13-15 julho, 2023.

Goya mostra que a ignorância é também uma forma de proteção. Contra o quê? Como diriam naturalmente os analistas: contra a castração.

Se fosse assim tão simples: os analistas como especialistas em castração... O problema é que a ignorância é também uma forma de beatitude, não inocente, mas enraizada na verdade. Lacan nos diz:

“Assim, é pelo gozo que a verdade vem resistir ao saber. É isso que a psicanálise descobre naquilo a que chama sintoma, verdade que se faz valer no descrédito da razão. Nós, psicanalistas, sabemos que a verdade é a satisfação a que o prazer só se opõe na medida em que ela se exila no deserto do gozo”<sup>23</sup>.

A verdade só existe na medida em que há um sujeito, mas também aparece sempre onde quer que haja um sujeito. E isso porque essa verdade existencial, que se encontra em toda a enunciação, mesmo na mentira, é uma maneira de se relacionar com o real do gozo. Há, de fato, uma satisfação em posicionar-se em relação a algo a que se está sujeito. Está em jogo algo mais necessário do que a satisfação, algo do qual depende o ser do sujeito enquanto tal. E quando uma psicanálise desvela esse fato, em vez de nos levar para além da realidade, ela pode permitir criar uma "escrita" existencial do dizer através da qual esse posicionamento opera. Isso é possível por um desprendimento da verdade original, proporcionado pelo espaço do saber. Podemos reescrever a nossa própria verdade, desde que possamos nos desprender dela. Uma nova satisfação consiste em encontrar uma maneira de "equilibrar estembrulhada"<sup>24</sup> da verdade e do real, sem dúvida o real do gozo.

Se “o saber, isto é o que faz com que a vida se detenha em um certo limite em direção ao gozo, [no] (...) caminho para a morte”<sup>25</sup>, então o saber poderia tornar a vida mais vivível, na condição de continuar a surpreender a verdade. É da natureza do saber empurrar para o laço social.

E se há algo de santo no psicanalista é porque, numa “posição insustentável”, ele sacrifica a ignorância ligada ao amor da sua própria verdade, para transformar a do analisante. O que o analista sabe sobre a sua posição, numa dada análise: este é o saber sobre o qual ele não pode falar aos outros. “Numa alienação condicionada por um ‘eu sou’ do qual, como para todos, a condição é ‘eu não penso’, só que reforçada pelo acréscimo de que, diferentemente de todos, ele sabe disso. É esse saber que não é portátil, já que nenhum saber pode ser portado por um só”<sup>26</sup>.

Tradução: Miriam Pinho- Revisão: Gláucia Nagem

---

<sup>23</sup> Lacan, J. “Da psicanálise em sua relação com a realidade”. Ibid., p. 357.

No original: « Ainsi est-ce de la jouissance que la vérité trouve à résister au savoir. C'est ce que la psychanalyse découvre dans ce qu'elle appelle symptôme, vérité qui se fait valoir dans le décri de la raison. Nous, psychanalystes, savons que la vérité est cette satisfaction à laquelle n'obvie pas le plaisir de ce qu'elle s'exile au désert de la jouissance ». In : Lacan, J., « De la psychanalyse dans ses rapports avec la réalité », *Autres écrits*, op. Cit. p. 358

<sup>24</sup> “Há uma certa maneira de equilibrar estembrulhada [stembrouille], que é satisfatória...”. In: Lacan, J. “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”. In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 567.

No original: « Il y a une certaine façon de balancer stembrouille qui est satisfaisante [...] », LACAN J., « Préface à l'édition anglaise du Séminaire XI », *Autres écrits*, Paris, Seuil, 2001, p. 571.

<sup>25</sup> Lacan, J. O seminário 18, O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 17.

No original: « le savoir c'est ce qui fait que la vie s'arrête à une certaine limite vers la jouissance, [sur] (...) le chemin vers la mort ». Lacan, J. *L'envers de la psychanalyse*, séminaire inédit, leçon du 26 novembre 1969.

<sup>26</sup> Lacan, J. “Da psicanálise em sua relação com a realidade”. Ibid., p. 358.

No original : « Une aliénation conditionnée d'un « je suis » dont, comme pour tous, la condition est « je ne pense pas », mais renforcée de ce rajout qu'à la différence de chacun, lui le sait. C'est ce savoir qui n'est pas portable, de ce que nul savoir ne peut être porté d'un seul ». Lacan, J., « De la psychanalyse dans ses rapports avec la réalité », *Autres écrits*, Op. Cit. p. 359.

## Rosa Escapa



*Rosa Escapa, diplomada em Psicologia Clínica, ela estuda e pratica a psicanálise em Barcelona. Ela é membro fundador da EPFCL – Fórum Opção Escola de Barcelona e membro fundador e ensinante no Ateneu de Clínica Psicanalítica – Catalã. AME da EPFCL, participou do Colégio Internacional da Garantia em 2010-2012 e em 2018-2020*

*Membros do Cartel: Que fazer do passe?" com Vicky Estévez (+1), María Ángeles Gómez, María Antonieta Izaguirre et Sophie Rolland Manas,*

### **"Os analistas são os sábios de um saber sobre o qual não podem conversar" Transferência de trabalho, cartel e passe**

Nós analistas continuamos enfrentando o problema, já tratado por Freud, que Lacan situou como um dos problemas cruciais para a psicanálise: a questão da transmissão. Ao largo de sua história houve conjunturas que puderam favorecer ou dificultar, como agora é o caso, a inserção da psicanálise nas instituições e no social. Entretanto, a transmissão da psicanálise toca em um ponto muito preciso, distante das circunstâncias que nenhuma estrutura pode assegurar: o desejo do analista.

A transmissão da psicanálise não é o ensino, distinção que remete à brecha entre o que do saber se pode articular e o real do significante que repercute no corpo. No *Ato de Fundação* (1964) Lacan fala, referindo-se ao ensino da psicanálise, de uma transmissão que se efetua "de um sujeito a outro pelos caminhos de uma transferência de trabalho", transmissão distinta portanto, da que opera na análise por seus efeitos didáticos, terapêuticos e "sinthomáticos".

Desde a perspectiva da clínica, a psicanálise mantém seu lugar na medida em que as análises seguem, eventualmente, produzindo analistas. Que seja eventual é um índice de que o desejo do analista não se transmite. O desejo do analista o sustenta no lugar de semblante do objeto a para o analisante, de modo que este se veja conduzido a enfrentar sua divisão e o que causa seu desejo até o limite do horror de saber, mas o desejo do analista não se pode transmitir. Não é pela via de uma transmissão, mas pela via do ato que o discurso analítico produz o analista, ato que se reproduz "pelo próprio

fazer que ele ordena”<sup>27</sup>. Com o ato no qual um analisante passa a analista se reproduz cada vez a pergunta pelo desejo do analista, de um analista a outro.

Podemos dizer com Lacan que o analista passa fazendo o passe, passa fazendo caminho, caminho sempre por traçar. Não há experiência acumulada que, no ato, tenha alguma atualidade. Do lugar em que o analista suporta a transferência, o ato tem que necessariamente se reinventar a cada vez e com isso renova o passe. “Cada analista se vê forçado a reinventar a psicanálise”<sup>28</sup>, diz Lacan.

Há necessariamente que inventar porque nem o saber que se extraiu da própria experiência analisante nem o da prática servem de respaldo para um caso ou uma sessão em particular.

Com o que conta então o analista para o ato, para inventar, ou reinventar a psicanálise? Conta com os efeitos da redução do sintoma ao significante sem-sentido, à marca do real, o que se traduz em uma viragem em sua posição a respeito do gozo e a respeito do saber. Disso, ele o sabe. E alguns fazem desse saber um ato, o de autorizar-se como analistas. É o que se trata de captar no dispositivo do passe, daquilo que os passantes tratam de dar testemunho. Nem sempre se consegue pois se trata de um saber desaparelhado que não se pode enunciar.

É mais sob a forma do dizer do passante que o cartel pode ler esse saber entre linhas. Inclusive, mesmo apesar dos ditos do testemunho, pode ressoar o passo do não-saber, o que-fazer com a falta de proporção sexual à deflação do Outro.

Esse reconhecimento que procede pela via do não-dito, chega como um afeto, de modo semelhante ao riso que produz o que se insinua na ironia. Produz um efeito de reconhecimento com certo sentimento de cumplicidade a respeito de um saber sobre o qual não se pode conversar.<sup>29</sup> Não é o não-saber nem a ignorância, mas um saber que está aí e continua aí, “ponto zero do saber”, e que quando se quer colocá-lo em palavras não se faz outra coisa que errar. Aí reside o fracasso do passe que, como o ato, só se realiza falhando.

Entretanto, esta aporia não pode reduzir o juízo sobre um testemunho de passe a um afeto/efeito pois, com exceção da angústia, os afetos podem enganar sobre sua causa. O que-fazer<sup>30</sup> do dispositivo conta com o tempo, aquele acumulado pela captura desse dizer em um instante, para encontrar os elementos que sustentam a lógica da cura até sua conclusão e levar a cabo um trabalho de elucidação que põe sobre a mesa também os pressupostos do cartel.

Voltemos à transmissão “pelos caminhos de uma transferência de trabalho”. A expressão merece que tratemos de entender o que ela significa e ainda mais porque, a

---

<sup>27</sup> Lacan, J. O ato psicanalítico. In Outros Escritos, Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p.371.

<sup>28</sup> Lacan, J. Clausura del IX Congreso de la Escuela Freudiana de Paris, 1978.

<sup>29</sup> Lacan, J. Da psicanálise em suas relações com a realidade. In Outros Escritos. Rio de Janeiro, Zahar, 2003, p. 358.

<sup>30</sup> No original: ‘quehacer’.

tendo formulada uma única vez, se toma como destino lógico da transferência uma vez finalizada a análise e assim se repete como uma ladainha.

Lacan dedicou um seminário, o Seminário XI, a assinalar a diferença entre a transferência ao sujeito suposto saber e a repetição. A transferência não é a repetição nem a reprodução da relação libidinal com os objetos primordiais. A transferência supõe a dimensão agalmática do saber, saber que no curso de uma análise se desloca e muda de estatuto.

A princípio, condição de entrada em uma análise, a libido se despeja naquele que encarna o sujeito suposto saber. Depois de uma primeira retificação subjetiva, parte da libido se desloca em direção ao saber inconsciente e à própria palavra analisante, com a expectativa que o deciframento revele a verdade última de seu sintoma. É uma demanda sustentada pela demanda ao analista para que ele opere com seu saber-fazer, ou seja, o analista continua ocupando um lugar relevante na economia libidinal do analisante. Finalmente, concluir uma análise supõe deixar de acreditar no poder revelador do cifrado no inconsciente, no saber do Outro, e contar com o novo saber que se escreveu nas margens do impossível de dizer. A cifra irreduzível de gozo advém como um resto que trança um desejo novo uma vez que é um desejo que não surge na margem de nenhuma demanda, não há um Outro do qual se espere uma resposta para dizer “não é isso”, não há um Outro que se tenha que sustentar para sustentar o próprio desejo. Portanto, podemos pensar que há uma migração da libido correspondente ao movimento do desejo que se esboçou nas margens da demanda, para o desejo enodado a este saber no real. Logo, sendo o sintoma singular, não há uma fórmula universal para o destino nem desse novo desejo, nem da libido.

Quando tal desejo se dirige à psicanálise, não seria porque a libido migra, no passe, para esse saber que toca o real, esse saber que pisa em falso enquanto busca uma significação? Diria que o ser “forte” que se torna o analisante ao final de sua experiência analítica se nutre dessa viragem libidinal. Mais adiante, se a esta transferência se conjuga um desejo de psicanálise, conduzirá o analista ao trabalho com outros analistas que, havendo realizado a mesma experiência, contam em seu saber com este saber do qual não podem falar e que tampouco dele se podem servir para a direção dos tratamentos. Poderia parecer um saber desprezível e, no entanto, é o elemento que por ficar fora dos saberes articuláveis dá razão aos mesmos. É a transferência a este saber do qual, diz Lacan, os analistas são sábios, o que convida ao trabalho com outros e é o trabalho com os outros que o mantém como um ativo.

Tradução: Guilherme Mola- Revisão Gláucia Nagem



*“Minha participação no Fórum do Campo Lacaniano-São Paulo começou nas primeiras discussões que se seguiram à Cisão de 1998. No decorrer desses mais de 20 anos, encontrei a Escola e, sobretudo, no cartel, uma maneira rigorosa e delicada de tratar da minha formação de analista. Desse modo, orientada pela Escola, assumi funções no nível local no seio mesmo do Fórum de São Paulo, assim como nas articulações com a EPFCL. Esse duplo engajamento foi sustentado, mesmo neste texto, demonstrando meu caminho particular frente a um tema que conecta outros. É sobre o poema que toca a transmissão da psicanálise que eu arrisco nesses traços” Tatiana é AME da EPFCL.*

*Conclusão do cartel sobre a transmissão em fevereiro de 2023 - Cartel : Beatriz Maya, Beatriz Oliveira, Eliane Pamart, Tatiana Assadi et Dominique Fingermann (+1)*

### **Poem-a passante: o que se transmite?**

Encontrar anotações soltas em meu computador da época que participara do *Cartel Intercontinental* me fez retomar o tema que há muito ressoa em meu corpo. Entrever uma série de notas frouxas foi o primeiro movimento, de três, se assim posso circunscrever meu percurso, nesta *Transmissão* dos passos advindos do meu impasse em direção a participação nesse Cartel. Descrevo, todavia, três voltas andantes deste processo: *notas soltas, vozes ocas e poema página*, é como as nomeio.

O entusiasmo de me encontrar diante de um cartel entre continentes foi um dever que me moveu na EPFCL no ano anterior. Os passos iniciáticos e o encontro com as demais colegas tinham que ver com as transferências de trabalho e com os temas que se esbarravam. Todas nós, 4 +1, estávamos interessadas em traçar estudos alinhavados pelo tema da transmissão. Movida, então, pela afirmação de Lacan em *L'insu*: “ ...Il y a quand même une chose qui permet de forcer cet autisme, c'est justement que la langue est une affaire commune et que... c'est justement là où je suis, c'est-à-dire capable de me faire entendre de tout le monde ici ...c'est là ce qui est le garant - c'est bien pour ça que j'ai mis à l'ordre du jour *Transmission de la psychanalyse* - c'est bien ce qui est le garant que la psychanalyse ne boîte pas irréductiblement de ce que j'ai appelé tout à l'heure « *autisme à deux.*” (Lacan:1976/77: 67)<sup>31</sup> » tracei em mim, contra o autismo a dois, a ordem do dia

<sup>31</sup> “ ... Há, aliás, uma coisa que permite forçar esse autismo: justamente porque a língua é um negócio comum e que justamente aí onde eu estou, quero dizer, capaz de me fazer escutar por todo mundo aqui, é aí que está a garantia; é bem por isso que eu

no enlace pela *transmissão*. Apostar neste lugar, neste tempo e neste tema asseverava a formação tão cara e preciosa aos analistas.

Advinda do latim, a palavra *transmissão*, comporta em sua etiologia *mittere*, que abraçada com o radical *trans* significa enviar para, através de algo, mandar através de... Em outras palavras, transmitir é sair de um lugar e provocar uma passagem para um outro lócus.

Mergulhada nesta proposta, nos encontros iniciais, a associação livre sobre o tema conduzia ao encontro particular de cada uma com sua pergunta. Foi assim que as *notas soltas* se compuseram em meu diário cartelizante, a saber: poema, estilo e transmissão harmonizaram com nossa primeira produção escrita batizada de *Cartel Exquis*. Baseado na proposta surrealista de início do século XX, *Cadavre exquis*, é um jogo composto pelo método de agrupamento de palavras, de frases ou mesmo de desenhos pronunciados por várias pessoas sem que cada qual soubesse das demais produções e que, dessa maneira, comporia um texto único subvertendo o discurso literário convencional, absolutamente coerente e linear. Deste feito, emprestamos dessa famosa brincadeira *Cadáver esquisito* o seu método e criamos coletivamente um texto que manteve, em simultaneamente, o tom do agrupamento sem perder os traços de cada cartelizante, sem deixar de lado os estilos. Tal jogo "*incoerente*", em sua primeira versão, propunha aos participantes escrever, quiçá desenhar palavras, imagens ou frases aleatoriamente em total desconhecimento com o parceiro, um jogo marcado pela surpresa, sendo o ponto comum a própria brincadeira. Um papel comum, com várias dobras seria oferecido e cada componente usaria apenas um pedaço da folha para sua criação e engenhosidade. A dobradura decomposta revelaria a matiz do texto ou do traçado que haveria sido edificado. Nos servimos, desta maneira, do surrealismo em sua ordenação desordenada de composição para que pudéssemos, neste gonzo, nesta dobradura, manufaturar um escrito comum sem perder as partes dos 1+1+1+1+1. Em consequência, os pedaços *de outrem* afinariam a orquestração mantendo o todo e a parte em conexão, o dentro em continuidade com o fora, como na Banda de Moebius e nas apostas surrealistas.

Estaría, portanto, emparelho com a pintura de Salvador Dali, sobretudo, em sua reduplicação da realidade pela ousadia, vanguardismo e caráter libertador. Destarte não estaríamos introduzindo um texto estético, mas marcando a função ética das produções particulares em suas tessituras sonoras com o tema em geral articulando intensão com extensão. Eis como estou considerando esse primeiro passo do nosso cartel, lugar em que as notas soltas foram tomando corpo e forma, produzindo sentidos plurais.

Sobremaneira, sustentamos que cada uma escrevesse, ao próprio punho, no texto *Cartel Exquis*, suas primeiras conclusões do trabalho cartelizante, suportando sua língua materna em garantia.

A cada parágrafo escrito um giro era produzido: do francês para o português, retornando para o francês, que endereçava, novamente, ao português e finalizava com o espanhol. Esta foi a configuração da nossa Torre de Babel demarcando o tom e o ritmo individuais. O balanceio idiomático, da mesma maneira que as pontuações em leituras variadas, apresentaram um trabalho com ressonância soprante.

---

coloquei na ordem do dia "*Transmissão da psicanálise*"; é bem isso que é a garantia de que a psicanálise não capengue irreduzivelmente pelo que eu chamei há pouco de *autismo a dois*". Tradução livre. L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre(1976-77). P 67. Via STAFERLA, on-line

A forma desta produção me trouxe dois pontos especiais, o primeiro foi o desconforto de escutar três idiomas distintos em intervalos encurtados processando uma melodia cantante. O segundo foi a experimentação de me desprender do idioma e de sua significação fixa, deixando, pelo desenredo, que o texto cartelizante me interpelasse. Ou seja, como experiência encontrei a transmissão como tema do cartel e, simultaneamente, sua produção em ato, en-cenado, como efeito da psicanálise. Quer dizer, o texto cartelizante teve efeito pela sua estrutura *exquis*, apesar do estrangeirismo idiomático, houve efeito de passagem de algo em outro algo.

Esvaziar a significação propiciou que qualquer uma coisa das experiências de cada cartelizante, sustentando seus estilos e suas letras, sobretudo, quando ditas em voz alta, oca voz, fizessem a função de passagem do *exquis*, de esquisito, do cadáver, do que era morto para o *exquis* de distinto. Vale salientar que a palavra *distinto*, em português, abrange uma dupla inscrição. Pode ser transposto como diferente, o que não é igual; assim como, designa uma expressão indicativa de alguém digno de respeito, ilustre, pode-se compor como sendo sério e sofisticado. Distinto como diferente e respeitoso.

Desta maneira, apostar neste jogo fez função de passagem das *notas soltas* para as vozes ocas, caucionando, inclusive, a pluralização das vozes que é sustentada em nossa Escola. Para além do plurilinguismo estatutário internacional mantido por esta Comunidade, há um resto linguageiro que permanece intraduzível, que deve ser amparado correntemente e que suporta a distinção dos idiomas-ternos.

A cada passagem de um parágrafo para o que vinha adiante no texto tecido e alinhavado, a cada giro idiomático, a cada linha singular que com seu ponto final abria para um novo escrito, algo *distintivamente* era passado. O duplo canto distinto era passado nas passagens das vozes, das linhas e dos sopros que compuseram esta apresentação.

E foi desse jeito, com essa experiência que senti, em ato, o que poderíamos pensar como relativo à transmissão, seja no tocante ao que ocorre no passe, seja do que diz respeito ao que passa dos impasses no ensino. Embora saiba que a psicanálise: "*Tal como agora eu chego a pensar, a psicanálise é intransmissível*" (Lacan: 1978), do intransmissível, algo foi transmitido. O seu estatuto de intransmissibilidade se deve, sobremaneira, a fazer passar algo do objeto em um forçamento daquilo que nele não se inscreve simbolicamente. Não se passa algo pela corrente das palavras, pelo empurrão das frases, mas, diria, que algo pode passar pelos intervalos e pelas frestas que ressoam em nossos corpos. Embora haja um impossível próprio da transmissão há um resto que pode ser transmitido em seu caráter residual, de objeto.

*"Qualquer retorno a Freud que dê ensejo a um ensino digno desse nome só se produzirá pela via mediante a qual a verdade mais oculta manifesta-se nas revoluções da cultura. Essa via é a única formação que podemos pretender transmitir àqueles que nos seguem. Ela se chama: um estilo".* (Lacan:1998: 460)

Algo passou e me perguntava o que passou e, mais, ainda como passou?

Das *notas soltas*, cifradas por vozes ocas um texto foi extraído produzindo incômodo, mal-estar, paralisação e, mais adiante, escrita, um *poema-página* foi minha conclusão do cartel.



Todavia, arrisco em meus alinhavos e bordaduras, cortando e recortando por um lado e rasgando e esgarçando por outro, que o que podemos dizer sobre a transmissão toca algo da experiência, dos restos ranhurados em nossos litorais que constituem os poemas que se escrevem em nós.

Aliás, é assim que leio a frase de Lacan: “*não sou poeta, senão poema. E que se escreve apesar de ter jeito de ser um sujeito*”. Frase pronunciada em seu *Prefácio da Edição inglesa do seminário XI (1976)*, justamente, onde ele trata do tema do final da análise e do passe. A experiência de uma análise é reveladora de uma *histoeria*, neologismo condensador da história e da histeria, uma articulação dos significantes de sua própria história endereçada ao analista. É nesta produção analítica de uma *verdade mentirosa* o que pode ser escutado na transmissão do passe, endereçada à uma Escola. O analista só se *historisteriza por si mesmo*, chegando ao ponto de testemunhar sua verdade mentirosa na relação com o Outro da língua.

Me aproximo, deste terceiro tempo do Cartel, instante-lugar em que a conclusão opera e que posso formular que há transmissão na temporalidade-espacial em que os intervalos presentes no plurilinguismo vocal, em que das letras soltas se versam em notas voantes algo escapa na composição deste *poem-a* que se escreve na experiência analítica e que possui um endereçamento sempre existente. Ou seja, é nos restos que compõe o estilo daquele analista, seja no passe ou na extensionalidade, onde a hesitação entre o som e o sentido<sup>32</sup> operam é que a transmissão ocorre e que algo passa a ser escrito nas páginas pelas canetas dos *poem-(a)s*.

Finalizo apostando que o que passa na transmissão ou, mais ainda, pode-se dizer que há transmissão quando algo do *efeito poemático*, é- feito, tanto como poema como carrossel (Octavio Paz), quanto da escritura da poesia chinesa e sua modulação e ressonância no corpo (François Cheng). Esse efeito *poemático* é o que se transmite nos intervalos entre o som e o sentido, entre os cortes e os furos, entre o sentido e o *sens blanc*. Aqui tendes o acontecimento *Transmissão: poem-a* passante em sua ressonância.

## Referências Bibliográficas

- LACAN, J. *A transmissão* (1978). Encerramento do 9º Congresso da Escola Freudiana de Paris (9-07-78). Tradução André Oliveira Costa. In: *Correio Appoa* julho de 2015. Porto Alegre-Br.
- \_\_\_\_\_. *L'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*(1976-77). Via STAFERLA, on-line.
- \_\_\_\_\_. (1976). *Prefácio da Edição Inglesa do Seminário XI*. In *Outros Escritos:2003*: Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_. *A psicanálise e seu ensino*. (1957). Comunicação apresenta à SFFilosofia em 23 de fevereiro de 1957. In *Escritos* (1998): Jorge Zahar Editora: Rio de Janeiro.

---

<sup>32</sup> Paul Valéry

## Chantal Degril



*Chantal Degril é psicanalista na Nova Zelândia. Ela é membro fundadora do Fórum da Nova Zelândia e membro da Escola. Ela exerceu a função de delegada e foi a representante da Zona anglofônica no CRIF no período de 2020-2022. Ela foi, com os colegas da Austrália, da Nova-Caledônia e da Polinésia Francesa instigadora do Seminário Transpacífico e do 1º Colóquio Internacional de Psicanálise do Campo Lacaniano do Pacífico que aconteceu recentemente em Papeete (Tahiti), participando assim de maneira coletiva na difusão do pensamento lacaniano nesta região.*

*Membros do cartel : Efeitos do passe sobre a psicanálise em intensão - Agnès Metton, Marc Strauss, Bernard Toboul (+1), Matías Laje, Leonardo Pimentel, Chantal Degril.*

O cartel do qual eu faço parte é composto por seis membros espalhados por quatro países: três na França, todos analistas experientes tendo participado de Cartéis do Passe e um no Brasil, um na Argentina, e eu, sediada na Nova Zelândia, todos os três com uma formação analítica mais ou menos longa e, mais recentemente, envolvidos nas atividades dos Fóruns e da Escola. A língua falada no nosso cartel foi o francês, a única língua comum a todos nós. Iniciamos nosso trabalho coletivamente, debatendo vários textos sobre o passe, em especial alguns sobre testemunhos de passe. Depois de um tempo, percebemos que algo não “dava liga” nesse cartel – como diríamos da maionese – algumas das dificuldades se deviam às grandes diferenças de horário, às ocupações de todos, datas diferentes de férias nos dois hemisférios etc. Mas também, durante uma conversa entre nós sobre esse ponto em particular, ficou evidente que, embora o próprio trabalho do cartel como discurso não parecesse produzir “resultados” convincentes no plano coletivo, ainda assim o trabalho produzia efeitos sobre cada um de nós. De minha parte, este trabalho sobre 'o passe em intensão' permitiu-me questionar vários aspectos do próprio conceito de passe e suas implicações no nível individual e coletivo, da e na Escola, suas várias reviravoltas ao longo do tempo e sua prática na Escola. Isto desembocou em propostas de trabalho ao nível do meu fórum local e, também, em conjunto com colegas do Fórum de Melbourne, bem como à produção de várias apresentações sobre este tema, uma delas no contexto de uma colaboração transoceânica bilingue com colegas do Taiti e da Nova Caledônia. Assim, houve alguns pedregulhos lançados através das fronteiras com efeitos de “círculos na água”, muito além das duas margens do Oceano Atlântico, entre o Mar da Tasmânia e o Oceano Pacífico!

A minha apresentação de hoje diz respeito ao ponto em que me encontro neste momento na minha interrogação da *lalangue* e quais podem ser os seus efeitos, isto é, os efeitos de um certo saber no passe, no nível individual, mas também no Passe como dispositivo. Daí, o título: 'O esp de *lalangue* no passe'.

O Prefácio à Edição Inglesa do Seminário XI<sup>33</sup> abre com a célebre frase: "Quando o *esp* de um *laps* – ou seja, visto que só escrevo em francês, o espaço de um lapso – já não tem nenhum impacto de sentido (ou interpretação), só então temos certeza de estar no inconsciente. O que se sabe, consigo. [*On le sait, soi*]". Mas o que "consigo" sabe?

Se o *esp* de um *laps* tem a ver com o inconsciente real, é um espaço instantâneo onde, graças a uma contingência, muitas vezes evocada em testemunhos, sua ocorrência pode tornar-se saber. Mas se trata do saber no real, o qual Lacan diz ser "sem sujeito". É um atalho. Esse saber escapa, não pode ser articulado, mas, mesmo assim está inscrito, é até mesmo escrito e produz efeitos. Então, como podemos dizer algo sobre isso?

A questão da emergência desse saber do lado do real aplica-se aos momentos do passe na análise, mas também ao próprio passe experimentado pelo analisante e no procedimento. Retomando a expressão de Lacan aplicada à experiência do passe, refiro-me ao que de um *laps* - o que (se) passa no passe [*ce qui (se) passe*] - abriria caminho para um espaço onde o dizer pudesse ser transmitido, não através dos ditos [*dits*], impotentes para transmitir o real impossível de simbolizar, mas por outro caminho, o de *lalangue* e seus efeitos de real sobre o sujeito. Podemos descrever um efeito de real no analisante como um fenômeno que pode ser traduzido como: "não sei o que se passou (ou o que passou), mas não é mais como antes".

Lacan descreve o momento da passagem como um 'relâmpago'. Alguns passantes discutem isso em seus testemunhos do passe, aqueles publicados, alguns na Wunsch<sup>34</sup>. Esse momento de passagem é descrito como um relâmpago no momento da suposta saída da análise e sua consequência: a constatação de que houve a passagem de analisante para analista e a presença do ato do analista. Se não é possível expressar esse momento através do que é dito, ele só pode ser experimentado através dos afetos ligados ao real - em particular aqueles produzidos por *lalangue*.

### **Daí a pergunta: que tipo de saber é produzido ao final de uma análise?**

A estrutura do discurso do analista proposta por Lacan coloca S1 como 'produto' desse discurso. Mas o que é esse S1 e como ele é definido? Esta é a questão que coloco aqui. É o significante mestre produzido na e pela análise tal como articulado no discurso do analisante na *historieta* que ele narra? Se sim, então é possível dizer e é possível conversar sobre isso, mesmo *ad infinitum*.

Por outro lado, se estamos lidando com os S1 de *lalangue* na medida em que eles formam um 'enxame' de 'Uns', uma série de 'Uns', eles são um saber sem um 'eu', um saber que não tem sentido, um saber que não pode ser dito, pensado ou elaborado. Os Uns de *lalangue* são S1s derivados da fala e da linguagem em que o sujeito foi banhado desde o início, mas são rebitados a um gozo irreduzível. De fato, *lalangue* vem da língua [*de la langue*] como linguagem, ouvida e falada. É fonte de gozo. Os significantes por si só, os de *lalangue*, têm um efeito de iteração, ou reiteração. Eles se repetem, mas acima de tudo eles gozam [*ils se jouissent*]. Isso não é a repetição

---

<sup>33</sup> J. Lacan (2001). Préface à l'édition anglaise su séminaire XI, *Autres écrits*, Paris, Seuil, p. 571 / Prefácio à edição inglesa do Seminário 11, *Outros Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 567.

<sup>34</sup> Wunsch, n.23, p 5-6

no sentido clássico e freudiano do termo. Na repetição dos Uns de *lalangue*, não há perda, como diz C. Soler: “Entre sua aquisição [a de *lalangue*] e seu uso, não há perda, ao contrário do que acontece na repetição, que é daquele que produz entropia, enquanto o inconsciente [real] é um enxame negentrópico [S1]<sup>35</sup>. [Esse] gozo do inconsciente não se desgasta. Seu saber não é um saber-fazer com a perda, tem mais a ver com a rolha pelo qual o saber adquirido da *lalangue* faz um sintoma no real do nó”. O inconsciente real encontrado na análise radica-se, assim, no efeito dos Uns incorporados, portanto, encarnados no corpo. Nisso, o inconsciente real está enraizado no real do sintoma. Na Terceira, Lacan insiste que “os significantes da *lalangue* não são fantasiosos, mas efetivamente inscritos no real”.

Lacan compara *lalangue* à estrutura do Witz. Em *L’Insu*<sup>36</sup>, ele diz: “O interesse do Witz [*trait d’esprit* – chiste] para o inconsciente está, no entanto, ligado a essa coisa específica que envolve a aquisição do *lalangue*”. O próprio termo “*lalangue*” não vem de um deslize de língua que literalmente surgiu de um mal-entendido em uma de suas sessões de ensino: “*lalangue*” em vez de “Lalande”?

Em certos testemunhos de passe, e isso tem sido enfatizado em nosso cartel por aqueles analistas que são ou foram membros de Cartéis do Passe, é difícil capturar os momentos do passe. Em que se baseia a decisão de nomeação ou não? Não sobre os S1s como ditos, mas sobre o que Lacan chama de dizer [*dire*], que se infere dos ditos do analisante. O que, então, se infere do *lalangue* como gozo absorvido pelos significantes da língua e, portanto, também ouvido em algum lugar?

Do lado do objeto *a*, sua queda ao final de uma análise remete ao real, mas na medida em que este real está ligado ao simbólico. Em *Encore*<sup>37</sup>, Lacan coloca o objeto *a* entre o simbólico e o real, como semblante, na base de um triângulo cujos vértices são: no topo, o imaginário, na parte inferior esquerda o simbólico e à direita o real.

Então, o que é o saber no final da análise? O saber como meio de gozo, sem dúvida. Mas podemos dizer que esse saber tem algo a ver com a obtenção de um grau zero de saber que indicaria a própria presença do objeto *a* como causa? Podemos falar de uma destituição do saber com a queda do objeto *a*? Ou, talvez ambos, esse saber tem algo a ver com os Uns de *lalangue*, esses Uns de gozo absorvidos nos significantes, e que ressoam quando o eco se faz ouvir.

Tradução: Viviana Venosa - Revisão: Glaucia Nagem

---

<sup>35</sup> C. Soler, *L’énigme du savoir in : Le langage, l’inconscient, le réel. Éditions du Champ Lacanien*, 2012.

<sup>36</sup> J. Lacan (1976-77) Séminaire XXIV *L’insu que sait de l’une-bévue s’aile à mourre*. p.99(Staferla version, Patrick Valas, (<http://www.valas.fr/Jacques-Lacan-l-insu-que-sait-de-l-une-bevue-s-aile-a-mourre-1976-1977,262?lang=fr>))

<sup>37</sup> J. Lacan (1975) Séminaire XX *Encore*. Paris, Seuil, p. 115 / Seminário 20, 2ª Edição – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985, p. 121.

